



REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Fundada em Maio de 1932 — pelo General NEWTON CAVALCANTI

ORGÃO OFICIAL DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO - Urca - Telefone 26-2375
Rio de Janeiro — Brasil

Diretor Geral — Ten. Cel. JOSE' DE LIMA FIGUEIRÊDO
Diretor — Cap. HORÁCIO CANDIDO GONÇALVES
Redator-chefe — Cap. JAIR JORDÃO RAMOS
Gerente — Cap. HÔMERO DE ALMEIDA MAGALHÃES
Redator-auxiliar — Cap. OTÁCILIO ALMEIDA
Revisor — 1.º Ten. ZALMIR LÓCIO CAVALCANTI
Tesoureiro — 1.º Ten. ALMERINDO F. CARDOSO

ANO X — DEZEMBRO DE 1941 **N. 50**

Preço: último número, 2\$000; atrasados, 2\$500

Toda a correspondência deve ser endereçada à Revista de Educação Física, sem mencionar nome ou função.

As assinaturas constam de 6 números, são pagas adiantadamente e começam com o número a ser editado.

Preço sob registro: 15\$000.

A Epopéia Das Jangadas

Não há no mundo inteiro mais forte afirmação de audácia e de denodo que a atitude do jangadeiro em face do mar. Animado da atração dos horizontes inatingíveis, veleja bravamente para a imensidão dos locais preferidos pela existência dos cardumes. Ai se entrega à faina da pesca, nem sempre abundante, para conquistar, com perigo de vida, o pão para si e sua prole. A volta, na fugaz alegria de quem vence, recebe por paga alguns mil réis, e os beijos dos seus, que lhe vivem do trabalho que mal é suficiente para o sustento de uma vida miserável.

Tem sido assim, há séculos. Um destino de heróis para um cenário de lendas... Pobre mas robusto, triste mas corajoso, o jangadeiro é bem um tipo excepcional, afirmativo, singular. Sobre uns paus leves, — uma vela e um leme: eis a jangada, tapete mágico de suas proezas. Nesse tablado original se mantém o jangadeiro, milagrosamente equilibrado, afrontando os ventos e as ondas, a tra dos céus e os enganos do mar, com a intrépida obstinação dos que são simples e naturalmente enérgicos:

*Minha jangada de vela,
Que ventos queres levar?
— De dia, vento de terra...
— De noite, vento de mar...*

Se precisássemos de um símbolo para incarnar a vocação marinheira do Brasil, aí estaria a jangada "S. Pe-

dro", pequenina e atrevida, modesta e arrojada, que conduziu, vitoriosamente, sobre as ondas dominadas de espanto, a embaixada cabocla, que os jangadeiros do Ceará enviaram ao Presidente da República, afim de lhe dizer da esperança que nele depositavam todos para a solução do caso de seu amparo legal, dentro do vasto programa de direito social que o Governo tem cumprido com louvável senso. O Presidente atendeu-os. O País, em regosio, bateu palmas ao ato. Foi demonstrando assim a sua pujante consti-



tução de trabalhadores que os quatro heróis da jangada "S. Pedro" puderam impressionar a Nação, pelo seu feito insólito, mas para eles "uma questão de mais coragem e de mais paciência", como disseram na mensagem entregue ao Chefe do Governo.

A história das jangadas é uma epopéia, das mais belas, das mais emocionantes, das mais puras. No balouço das ondas a morte espreita, para abater os titãs que avançam mar a dentro, com os olhos nas estrelas guadoras... Um, dois, três, quatro dias... e o regresso feliz, com o peixe excelente a abarrotar os cestos... Para recomeçar no outro dia, como pobres, entre a fartura do mar e a fortuna da terra... Desta vez, porem, a viagem durou sessenta e um dias: mas a volta é a sua maior vitória, pois levarão os jangadeiros a voz da Pátria que os integra no seu ambiente social, como a dizer-lhes que a sua alma é protetora também dos que, como eles, ficam, no largo oceano, labutando e sofrendo.

J o n a s C o r r e i a